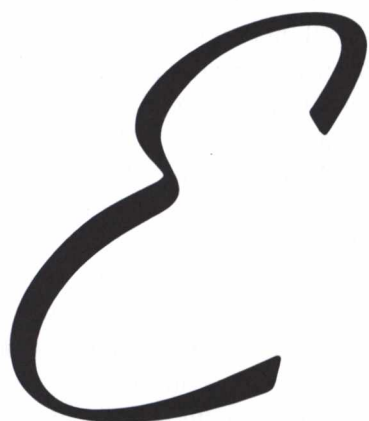


O PATHOS NO DESLOCAMENTO

TERRENO DE ESTRANHEZA E PSICOSE

Ademir Pacelli Ferreira *



Em recente novela, Glória Peres (TV globo-2005) retoma a atual questão da migração na sua vertente da clandestinidade e do tráfico humano, que representa uma atividade altamente lucrativa para as gangues. A autora privilegiou a ficção migrante tecida nos fios do *sonho da América*, na qual uma jovem ingênua tenta realizar um desejo fixado na infância. Nesta posição regressiva, nem mesmo a língua do país imaginário ela aprendeu. O *Golden Gate* que embalou a esperança de milhões de europeus no passado, é agora buscado através de arriscadas travessias tangidas pelos coiotes e tocaiadas pela polícia de controle.

Independentemente da área de estudos, a questão do migrante, da loucura e a discussão das práticas psiquiátricas despertam grande interesse, já que são dimensões humanas fortemente inscritas no imaginário social. A experiência psicopatológica, o desatino, o sofrimento psíquico, não são indiferentes a ninguém. Mas este lugar especial da loucura na existência humana, foi obliterado a partir da modernidade que decidiu excluí-la e segregá-la com a criação dos asilos. Quanto a migração

e o migrante, apesar de estarem previstos na própria circulação moderna do capitalismo sem pátria e das *cidades abertas*, também têm sido objetos da repressão, discriminação e segregação.

A abordagem clínica é a referência de construção deste texto, mas nesta, a dimensão do social está sempre incluída e é constituidora do sujeito. Analisaremos uma situação extrema vivida pelo indivíduo em sua trajetória migrante, ou seja, a sua tomada pela psicose e o seu encontro com a instituição psiquiátrica pela via da emergência. A partir da análise do drama do sujeito, das circunstâncias de sua crise e das modalidades de ofertas da sociedade, indicaremos certos desdobramentos sócio-políticos que resultaram destas reflexões.

Seguiremos a idéia de que a questão da alteridade, do outro, da diferença, presentifica-se na clínica através de múltiplas formas, onde este outro que nos habita, o inconsciente, produz seus efeitos. A ruptura psicótica e a condição migrante aprofundam a duplicação do sujeito que, ao ser recebido e convidado a falar, poderá ser inserido no campo da relação dialética eu-outro e retomar o fio da comunicação. A partir do drama

destes sujeitos, observamos que ao ser colocado no lugar da negatividade pela ótica da discriminação e da segregação, o migrante se torna acuado. Esta situação dificulta o seu intercâmbio com o meio. Historicamente sabemos o quanto tem sido importante esta troca de objetos, de signos e de símbolos para a constituição das referências subjetivas e alterativas (Simmel, 1908).

Portanto, a presença da alteridade ou da diferença, tanto na psicose quanto no migrante, carregam uma certa positividade que exige acolhimento e não o isolamento nos moldes asilares, pois, historicamente, este modelo banuiu a positividade da loucura ao reduzi-la ao conceito de doença ou de alienação. Em sua analogia com a análise do migrante, vimos que este também aparece representado como negatividade, sendo desqualificado instrumental, simbólica e culturalmente (Nathan, 1996), desta forma, a riqueza de sua diferença cultural deixa de ser valorizada como positiva.

Ao enfocar o surto psicótico no migrante recente, estamos privilegiando a captura do sujeito pela alteridade, pois este tempo de transição e a experiência de deslocado, favorece o aparecimento mais freqüente de crises psicóticas (Bastide, 1968; Lee et al., 1991; Ferreira, 1999). Trata-se de uma experiência em que o eu encontra-se subvertido por ser tomado pela vivência psicótica ao mesmo tempo que trava uma luta desesperada contra a ameaça invasiva e o fascínio que esta exerce sobre o eu.

A análise desta experiência nos levou ao entendimento de que o deslocamento representa uma aventura no campo do outro, já que abre o sujeito à alteridade. A reação psicótica aguda (surto), representa a emergência do inconsciente - *alteridade interior* - no campo do eu, já que apresenta suas barreiras desarticuladas. Ao ocupar o lugar de estranho e de objeto de estranhamento, o migrante torna-se

mais suscetível a este subvertimento de seu eu.

Seguiremos então, com a análise de fragmentos de um caso de psicose aguda, visando abordar certos aspectos da realidade do migrante recente nos circuitos e *curto-circuitos* urbanos.

SONHOS E TENSÕES NA TRAVESSIA MIGRANTE: A CRISE E A ACOLHIDA

Trata-se de um universitário bolsista de origem africana, cujo país tem a língua portuguesa como oficial. Nesta migração temporária, repete o percurso de muitos jovens de alguns países africanos que vêm fazendo essa travessia. O deslocamento com fins de estudos, apesar de temporário, defronta o sujeito com as condições vividas pelo (i)migrante (DeBiaggi, 2005), ao mesmo tempo em que ele é também um (e)migrante, lugar este pouco estudado, mas que merece atenção, pois aquele que sai será marcado também nesta saída (Lefort & Nery, 1984; Sayad, 1999; Petrus, 2001).

As crises psicóticas são emergências que muitas vezes acionam o dispositivo automático da internação, embora saibamos que em muitos casos seria possível evitá-la, lançando-se mão de outras formas de receber e lidar com o sujeito em crise. Apesar de sabermos que Mateus (nome fictício) estava entrando em crise através da estagiária de psicologia que era sua conterrânea, antes que pudéssemos fazer alguma coisa a sua psicose eclodiu e ele foi levado para a Emergência Psiquiátrica, e depois transferido para outra instituição e, finalmente, para a instituição onde o acompanhamos.

O início de sua crise ocorreu logo que regressou das férias em seu país natal. Ao retornar, seus colegas observaram que *não parecia o mesmo*, estava tenso, brusco com os colegas e

inadequado no meio universitário. Apresentava certa agitação, falava alto e, às vezes, de forma desconexa (sic). Os comportamentos *estranhos* foram aumentando; não falava com ninguém em casa, deixava de tomar banho, não se alimentava direito, só bebendo algumas cervejas. Saía para o trabalho e, ao retornar, dirigia-se para o seu quarto sem falar com ninguém. Às vezes o encontravam sentado no chão, despido e falando sozinho. Passou a querer entrar à força no quarto dos colegas, falava alto, chamava-os de "veado, bicha", quebrava objetos e tentava agredi-los a partir de qualquer discussão trivial, além de esbanjar dinheiro, dizendo-se rico. Alguns dias depois, Mateus dirigiu-se ao Aeroporto Internacional levando apenas a mala de mão. Tentava viajar para a Europa a fim de encontrar o irmão que vive lá, sendo barrado pelos policiais e mandado de volta para a sua residência.

O seu estado de agitação foi aumentando e a sua internação ocorreu após uma alteração de comportamento em via pública. Foi para o meio da rua, deitou-se no chão e depois tentou invadir um prédio vizinho dizendo que ali moravam alguns patrícios seus. Em seguida, agrediu fisicamente o colega que foi chamado para socorrê-lo. Tratava-o por outro nome e afirmava que este "trouxera o mal", idéia que vinha repetindo desde que voltou de férias. Chorava muito e perguntava por que as pessoas queriam fazer-lhe mal. Neste mesmo dia, destruiu vários objetos dentro do quarto onde ficou contido, enquanto esperavam os bombeiros, sendo então levado para a Emergência.

Nas conversas com Mateus observamos que havia uma grande tensão que se expressava em idéias de triunfo e de fracasso. A falência psicótica refletia o esgotamento da identificação compensatória com uma imagem de potência, bem sucedida, capaz de terminar seus estudos e

retornar ao seu país, onde seria valorizado. Sua vinda para o Brasil se articulava com uma provação extrema, em que a exigência o colocou na posição do *tudo ou nada*, ou poderia vencer e ocupar um lugar de destaque, ou fracassaria e seria eliminado do páreo, o que representaria a desqualificação e a alienação mental.

O PAI E A PROBLEMÁTICA IDENTIFICATÓRIA: TERRENO FRÁGIL NA MIGRAÇÃO

A identificação é um processo de subjetivação que envolve grande complexidade, em que o eu começa a ser modelado a partir das imagens do outro que o marcam. Estas marcas podem ser bem aceitas e integradas, ou rejeitadas e conflitantes. No caso de Mateus a tentativa de expulsar os traços paternos de identificação sempre representou um ponto conflitivo, intensificando sua estreita ligação com a mãe e a rivalidade com o pai.

Mateus trazia consigo o sonho e também a exigência de ser bem sucedido no curso universitário. Tinha, na época de sua internação, vinte e cinco anos, era solteiro e dividia um apartamento com outros patrícios. O pai, trabalhador migrante, passou quase toda a sua infância distante dele e da família, indo visitá-los somente de vez em quando. Sendo assim, Mateus viveu grande parte de sua infância, e praticamente toda a sua juventude ao lado da mãe. Desenvolveram uma relação muito forte um com o outro, sendo que ele permaneceu muito ligado a ela até a sua morte. Depois de algum tempo fora, o pai retornou definitivamente para casa, mas, mesmo assim, permaneceu desligado em relação aos filhos e a sua educação. O

pai bebia muito e sempre foi muito exigente com os filhos, gritando e discutindo muito com eles. Embora assim procedesse, deixava a responsabilidade da educação dos filhos com a mãe. O pai também discutia muito com a mãe e quando isto acontecia, Mateus quase sempre intervinha defendendo a mãe e discutindo com o pai, recriminando-o pela forma como a tratava.

Após a morte da mãe, devido a um câncer, a hostilidade e as acusações contra o pai aumentaram, culpando-o por sua morte. Atribuía-lhe, ainda, toda a culpa pelo sofrimento dela. Depois destas querelas, Mateus continuou trabalhando para pagar seus estudos e se sustentar. Segundo relatos de alguns dos seus colegas, começou a apresentar os primeiros sinais de perturbação psíquica após o falecimento de sua mãe, que coincidiu com o término de seus estudos secundários e a espera pela bolsa de estudos que lhe daria a oportunidade de vir estudar no Brasil. No momento de sua migração, tornou-se tenso. A espera da definição da partida aumentou as suas contradições e as lutas contra o pai. Além disso, o apego à mãe, agora morta, dificultava a elaboração do luto. Neste sentido, antes da partida já vivenciava certos fenômenos interpretativos e de ilusões, ou seja, elementos delirantes.

Por tudo isso, o afastamento de sua terra natal foi vivenciado com ambigüidade, insegurança e incerteza. A migração, que é um desafio de lançar-se no mundo para afirmar a autonomia, acaba por defrontá-lo com o lugar do pai, pois o pai é aquele que deixou a família para garantir o seu sustento. Se houvesse uma identificação positiva com o pai, ele poderia se espelhar no mesmo para assegurar o seu deslocamento. Entretanto, isto foi impossível pela rivalidade com este. Sem esta sustentação identificatória positiva, tornou-se frágil e ameaçado por todos os que o cercavam,

apresentando intenso sentimento de inquietude. Nestas vivências despersonalizantes e desrealizantes, o eu em sua duplicação luta contra o fascínio e a ameaça de ser engolfado pelo espaço circundante e pelo espectro da estranheza, ocorrendo a perda dos limites de si próprio e do outro (Begag e Chautte, 1990).

NOVA REALIDADE E ESTRANHAMENTO: PRIMEIRO EPISÓDIO

Como assinalamos antes, Mateus apresentou episódio de crise mesmo antes de viajar, mas como soubemos pela estagiária sua conterrânea, ele teria sido levado antes para a Igreja cristã *Racional*, mas não apresentou melhoras, foi então levado a uma psicóloga e neste atendimento ele pôde se reorganizar e se preparar para a partida. Mas aqui chegando, a dificuldade de ocupar um lugar na nova sociedade apareceu na forma inadequada de organizar a sua vida. Morava, inicialmente, num bairro onde o custo de vida era alto, e, como gastava muito, iniciaram-se as dificuldades financeiras. Começou a falar sozinho, mas justificava, dizendo que falava com a sua mãe. Foram observados ainda vários comportamentos excêntricos: comprar roupas caras e distribuí-las para meninos de rua, vestir-se de maneira estranha e jogar água na cabeça várias vezes ao dia. Nessa época, gravou uma fita e enviou-a para o seu pai, com *tudo que ele merecia ouvir*. Foi levado então ao ambulatório de psiquiatria, onde fez um tratamento psiquiátrico breve. Ao obter melhora, afastou-se do tratamento.

Voltou às atividades normais e deu continuidade aos estudos, obtendo um ótimo rendimento escolar. Seus amigos notaram que desde aquela data, de vez em quando, Mateus falava algumas

coisas sem sentido contextual. Relatam que é como se ele tivesse um "complexo de inferioridade" (sic), fazendo sempre questão de se gabar de que conseguia coisas que os outros não conseguiam. Nessa ocasião, mudou-se para um apartamento numa área de custo de vida mais baixo, onde permaneceu até a última crise.

ACOLHIDA E RECONSTITUIÇÃO DO EU: O ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO

Na Vila, unidade assistencial universitária onde o acompanhamos, os internos recebem visitas diárias de familiares e amigos. Além do acompanhamento diário, propomos saídas para passeios, programas culturais, educação física, atividades grupais, teatrais, criativas-expressivas e abordagem dos familiares. Se o atendimento ao sujeito psicótico for restrito ao modelo de consulta ambulatorial rápida ou meramente medicamentosa, terá pouca chance de sucesso. O sujeito sofre rupturas dos vínculos sócio-afetivos e produtivos e a ordenação subjetiva encontra-se dilacerada, o que torna difícil uma comunicação reduzida à modalidade verbal. Ao oferecer um elo com os objetos, com o outro e com o meio, as ofertas interativas e os suportes pós-internação, funcionam como um intermediário para estes sujeitos e podem contribuir para a diferenciação de seu eu e para a sua reorganização psíquica.

Iniciamos a abordagem de Mateus através de visitas à Emergência para onde tinha sido levado em crise e depois na segunda instituição. Esta aproximação foi facilitada por ser feita por uma estagiária de mesma origem. Esta condição de mesma pertinência do

profissional tem sido indicada como facilitadora no trabalho com o migrante por vários autores (Brody, 1973; Nathan, 1996; Lee, 1991). Sua posição era de desconfiança, sentia-se bastante perseguido, sendo os colegas de moradia seus principais perseguidores. Reagiu de forma receptiva e carinhosa com a estagiária, demonstrando confiança e satisfação em saber que ela estava cuidando de sua transferência para a unidade onde estagiava.

Na sua fala anterior acusava o pai pela morte da mãe, agora ele dizia para a estagiária que havia matado a sua mãe. O que entendemos como sendo o retorno da acusação contra o pai – a projeção – sobre ele mesmo. Ao migrar, tenta assumir um lugar fora deste vínculo materno intrincado, mas é atropelado pelos traços da identificação negativa com o pai, que, antes, era o objeto de suas acusações, por ter partido e o deixado só com sua mãe, o que favoreceu seu forte vínculo com esta e o deixou desprotegido para o mundo. A intervenção de separação do vínculo de complementaridade mãe-filho abre o desejo para o outro, abrindo assim a possibilidade de fruição.

Por estar enredado neste laço imaginário, ao afastar-se do vínculo de fidelidade materna (mãe – terra natal), tornou-se culpado pela traição à mãe e pela morte desta. Se a viagem representava o movimento de emancipação, despertou para ele a ameaça de não poder aceder a este lugar, pois esta acionou a ambivalência do afeto, a insegurança e a impotência frente a este desafio.

O laço com a estagiária e a nova instituição mais aberta favoreceram a sua abertura ao contato. Se antes estava acuado e relutante, tornou-se rapidamente comunicativo, procurando circular e interagir no espaço e participar das atividades musicais, teatrais e grupo operativo, escolhendo o violão como parceiro. Parecia confuso no início, às vezes apresentando falsos

reconhecimentos – confundia colegas com outras pessoas que estariam lhe perseguindo, elementos estes decorrentes da dissociação de seu eu.

Buscava junto aos terapeutas a função de testemunhas para reafirmar suas prospecções; continuar os estudos, ir passar um tempo na Europa com o irmão, cursar menos disciplinas. Inicialmente entendemos seu desejo de ir ao encontro do irmão na Europa – *um passeio para descansar* – como fuga da realidade, principalmente devido ao seu temor de retomar os estudos, mas posteriormente, pensamos no seu carecimento de uma referência paterna, uma vez que este irmão pode ser visto como um *pai pequeno*, mais próximo, no qual pode encontrar receptividade, reconhecimento e garantia de sua filiação. Vimos, mais tarde, que esta viagem foi reconfortante, a partir desta identificação mais positiva com um representante paterno, sentiu-se mais seguro e pôde apaziguar a sua angústia persecutória.

Estes jovens deixam sua terra natal, suas famílias e suas tradições e aqui encontram outros conterrâneos com quem compartilham habitações coletivas por questões de economia e, geralmente não encontram núcleos culturais próprios para ampará-los. A chegada a um outro país, que apesar de falar a mesma língua, apresenta diferenças socioculturais acentuadas, é vivida com ansiedade e ambigüidade, pois apesar do Brasil ser considerado um país irmão e de *mesma comunidade semiótica*, possui uma história nada edificante em relação ao negro. Além disso, a presença de vários traços comuns não garante uma proximidade relacional. Apesar de serem estudantes universitários, que em nosso país ainda constituem sinal de status, ao circularem nos espaços urbanos sentem a discriminação na forma do tratamento recebido. A perspectiva do universitário é mais individual do que de outras migrações, como é o caso dos

Angolanos da Maré (Rio de Janeiro) estudados por Regina Petrus (Petrus, 2001). Apesar de origem mais pobre, estes migrantes criaram uma rede de trocas e de suportes socioculturais muito rica, reconstruindo laços interacionais da terra natal com a atual comunidade, o que favorece a reconstrução da identidade e a criação de novas adaptações.

Na universidade, onde poderiam encontrar um campo importante de trocas e suporte sócio-afetivo, isto nem sempre acontece. Ocupam aí o lugar da diferença, ao representar a presença rara dos negros nas salas de aula, onde freqüentemente são os únicos de sua etnia, embora tenhamos uma população de maioria negra. Esta realidade que há muito nos angustia, resultou numa resposta política através da aprovação do projeto das cotas universitárias para *afro-descendentes*. Apesar das controvérsias suscitadas, já observamos uma diferença na população universitária cuja presença de negros vem crescendo.

Apesar da importância do negro na produção econômica e cultural de nosso país, que desde a época da escravidão vem contribuindo de forma expressiva para a riqueza de nossa cultura, sabemos muito pouco sobre os povos africanos e suas culturas, seja pelo desconhecimento de sua realidade histórica, seja pelo recalçamento desta herança.

EMERGÊNCIAS PSIQUIÁTRICAS: DA CONTENÇÃO À ATENÇÃO AO SUJEITO EM SUA CRISE

A experiência da crise psicótica é recorrente no dia a dia das Emergências Psiquiátricas. Mas estas - criadas para servir ao modelo de internação automática - foram modeladas como parte da engrenagem do sistema de

psiquiatrização (Brody, 1973); ultimamente, com o surgimento das chamadas recepções integradas cria-se outras possibilidades de atenção e de formas de lidar com as pessoas em crise.

Na tentativa de escutar as pessoas que chegavam às Emergências onde estagiei na década de setenta, minha atenção foi despertada para a importância de escutar e entender as experiências dos surtos psicóticos. Destas experiências, a crise do migrante recente apresentava um elemento diferencial. A subversão do eu pela psicose expressava suas vivências de habitar o lugar de deslocado, por encontrar-se desprovido de seus contornos e de suas referências espaciais e temporais. Neste sentido, ao ser recebido num espaço acolhedor, o sujeito encontra recursos para refazer seu percurso, suas referências e sair da perplexidade fascinante da psicose. O outro, o exótico ou excêntrico, atemoriza e ao mesmo tempo fascina (Affergan, 1987), portanto, deve ser *metabolizado* através da identificação e desidentificação (Mannoni, 1994; Figueiredo, 1998; Ferreira, 1999).

Mateus vivenciou suas experiências na última instituição como *maravilhosa*, enquanto que para a anterior utilizou o significante *sinistro*. A presença do sinistro, do estranho e da *inquietante estranheza* (Freud, [1919]), caracterizam as modalidades de vivências do surto psicótico, o que torna os espaços fechados, impessoais, burocratizados, contraindicados para lidar com estes sentimentos, já que não oferecem condições mínimas de referência e de suporte subjetivo. Este sentimento de acolhida positiva foi fundamental na rearticulação de Mateus. Em sua estranheza e despersonalização, o eu precisa de um espelho que não seja um espectro de seu esfacelamento e nem tampouco, seja ameaçante e invasivo.

Entendemos também que a

manutenção da pesquisa sobre as condições do migrante e de sua relação com a psicose despertou na equipe um maior interesse de investimento no sujeito, o que ampliou a visão do caso clínico e da dimensão humana de sua experiência, à medida que esta não é reduzida a anamnese e ao diagnóstico. O que se visa na perspectiva proposta, é a reconstrução da história do drama do sujeito através do resgate do sentido do sintoma em sua relação com as vivências e experiências subjetivas, reconstrução esta em que o sujeito participa ativamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais enigmáticas que nos possam parecer as alucinações, vivências e delírios psicóticos, o contato com estas experiências pode nos informar muito sobre nós mesmos, desde que não as vejamos como negatividade, falha e déficit (Julien, 1999). Também com o migrante, aprendemos de forma mais aguçada que o eu precisa do outro para se reconhecer. Além disso, a experiência migrante nos ensina, com seu drama, que não estamos protegidos em nossa própria casa (Freud, [1923]). Para se afirmar, o sujeito deve fazer seu percurso migrante de deslocamentos e desdobramentos, elaborando o luto pela perda de seus objetos preciosos, abrindo-se ao outro e estabelecendo alianças de convivência (Grinberg, 1984).

As condições de acolhimento do sujeito que expressa suas vivências de desarticulação através da irrupção brusca da psicose exigem reflexão. Apesar das tentativas de mudanças, as emergências e as enfermarias destinadas aos doentes mentais, carregam ainda a marca da *'linha de montagem'* do sistema de segregação

asilar, podendo representar a primeira fase de *montagem da carreira de paciente psiquiátrico* (Brody, 1973; Silveira, 1981), à medida que o tratamento reservado aos indivíduos em crise reduz-se ao “controle dos sintomas, *sufocados pelos neurolépticos*” (Silveira, 1981, p. 13). Estes diminuem o tempo de internação, mas não preparam o sujeito para dar conta de suas vivências psicóticas e lidar com o meio onde vive. Este processo é geralmente agravado pela repetição das reinternações, uma vez que estas aprofundam o processo de alienação ao reduzir cada vez mais as condições objetivas e subjetivas de existência do sujeito.

O drama singular de Mateus pode nos informar sobre certas condições que atingem a todos nós, ou seja, para que o sujeito se mantenha em atividade e com o seu psiquismo articulado torna-se necessário que aceite as renúncias, lide com as perdas e mantenha a capacidade de circular no espaço subjetivo e alterativo. Sua história clínica pode ser vista como o espelhamento de experiências dramáticas de rupturas, em que os sujeitos trazem à tona a expressão de uma problemática vivida pelo eu em confronto com um *outro*. Um *eu* que não se encontra mais no antes e um *outro* que não se sabe o que será. Suas respostas psicopatológicas assinalam algumas formas de reação do psiquismo ao deparar-se com este lugar de deslocado em que se encontra o imigrante. Com a acolhida e o tratamento que recebeu durante a sua internação e com o acompanhamento posterior, Mateus pôde voltar aos estudos, terminar sua faculdade e retornar ao seu país. A informação que tivemos da psicóloga conterrânea, é que ele ainda apresenta oscilações, mas havia assumido um cargo numa instituição pública. Segunda ela, quando ele visita a região dos familiares da mãe, parece voltar mais influenciado

pela idéia de feitiço e outras *crenças*.

* *Ademir Pacelli Ferreira é Prof. Adjunto do IP/UERJ, psicólogo, Pró-cientista, Doutor e Pós-doutor pela PUC-RJ e PUC-SP.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFFERGAN, Francis
(1987) *Exotisme et Altérité*. Paris: Puf.
- BASTIDE, Roger
(1968) *Sociologia das Doenças Mentais*. Lisboa: Europa-América.
- BEGAG, A. e CHAOUIE, A.
(1990) *Ecarts d'Identité*. Paris: Seuil.
- BRODY, Eugene
(1973) *The Lost Ones*. New York, University press.
- DEBIAGGI, Sylvia
(2005) I Congresso ULAPSI, SP.
- FERREIRA, A. Pacelli
(1999) *O Migrante na Rede do Outro*. Rio de Janeiro, Te Corá.
- FIGUEIREDO, Luis. C.
(1998) “A Questão da Alteridade nos Processos de Subjetivação e o Tema do Estrangeiro”. In: KOLTAL, Caterine. *O Estrangeiro*. São Paulo: Escuta/ FAPESP.
- FREUD, Sigmund
(1976) [1923] O Eu e o Id. O. C. vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, Sigmund
(1976) [1919] O Estranho. O .C. vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago.
- GRIMBERG, Leon e GRIMBERG, R.
(1984) *Psicoanalise de la Migracion y del Exilio*. Madrid, Alianza.
- JULIEN, Philippe
(1999) *As Psicoses: estudos sobre a paranóia comum*. Rio de Janeiro, Cia de Freud.
- LEE F. et.al.
(1991) “Psicose Reativa Aguda e Imigração”. In: *Inform. Psiq.*, 10(2):41-44, Rio de Janeiro, ECN.
- LEFORT, F. & NERY, M.
(1984) *Emigré dans mon Pays*. Paris, L'Harmattan.
- MANNONI, Octave
(1994) “A Desidentificação”. In: (vários) *As identificações*. Rio de Janeiro, Relume/Dumará.
- NATHAN, Tobie
(1996) *La Folie des Autres: Traité d'Ethnopsychiatrie Clinique*. Paris: Dunod.
- PETRUS, Regina
(2001) *Emigrar de Angola e imigrar no Brasil: histórias, trajetórias e redes sociais*. Dissertação mestrado, IPPUR/ UFRJ.
- SAYAD, Abdelmalek
(1999) *La Double Absence*. Paris, Seuil.
- SILVEIRA, Nise
(1981) *Imagens do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra.
- SIMMEL, G.
(1971) [1908] “The stranger”. In: *On individuality's social forms*. Chicago Press.

www.cemsp.com.br

de cara nova

dê um clique nele!

Anote nosso novo e-mail:

cemsp@cemsp.com.br